



MAFALDA SANCHES: PRINCESA, RAINHA E SANTA DE AROUCA

EXPOSIÇÃO BIBLIO-ICONOGRÁFICA

DE 2 A 15 DE MAIO :: BIBLIOTECA MUNICIPAL DE AROUCA



Díptico-relicário de formato retangular e disposição vertical em prata, prata dourada e esmaltada e madeira, com 25cm de altura, que segundo a tradição pertenceu à Rainha Santa Mafalda. Museu de Arte Sacra do Mosteiro de Arouca. Peça de ourivesaria, autor desconhecido, finais do séc. XII ou séc. XIII?.



Representação da Morte da Rainha Santa Mafalda em Tuias acompanhada das religiosas do Mosteiro de Arouca, num espaldar do cadeiral do Coro do Mosteiro de Arouca. Óleo sobre tela, autor desconhecido, séc. XVIII.



Lenda da trasladação do corpo da Rainha Santa Mafalda de Tuias para Arouca, num espaldar do cadeiral do Coro do Mosteiro de Arouca. Óleo sobre tela, autor desconhecido, finais do séc. XVIII.



Estátua jacente mostrando a Santa Mafalda, com coroa e trajes de Rainha a dormir o sono eterno, de olhos fechados e mãos postas (Primeira representação da Rainha Santa Mafalda). Museu de Arte Sacra do Mosteiro de Arouca. Escultura em madeira, atribuída à Escola Portuguesa, segunda metade do séc. XIII.

Jacente da Rainha Mafalda – A História de Uma Imagem

Escultura em madeira policromada.

Cronologia: sécs. XIII-XIV.

Mafalda (c. 1190-1256), filha de D. Sancho I (1154-1212) e D. Dulce Berenguer ou de Aragão (1152-1198) foi neta de D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal. Da avó paterna recebeu o nome. Casou com Henrique I, rei de Castela (1214-1217). Por vontade testamentária de seu pai, recebeu, no ano de 1210, o Mosteiro e o Couto de Arouca, entre muitos outros bens imóveis. Depois de enviuvar, escolhe o Mosteiro de Arouca como “sede da sua Corte”. Governa a partir de Arouca todo o seu domínio territorial. Sem ter professado e rodeada de ambiente cortesão, apanágio do estatuto de rainha que nunca abdica - é recorrente na documentação de época aparecer o seu nome seguido do título de rainha de Castela e Toledo - transporta para o Mosteiro de Arouca um ambiente palaciano. Desenvolveu uma ação diplomática sem precedentes, junto do poder central de Portugal no sentido de aumentar o poder do Mosteiro de Arouca, como no Bispado de Lamego e na Santa Sé. Pela sua vontade o mosteiro adota o ideal cisterciense, segundo autorização do bispo e cabido de Lamego datada de 1224 e confirmada pela bula do Papa Honório III, datada de 5 de junho de 1226, até que a morte a surpreende em Tuias, próximo do Porto, no dia 1 de Maio de 1256. Por vontade expressa no seu testamento, foi sepultada no Mosteiro de Santa Maria de Arouca, precisamente na capela de S. Pedro da extinta igreja monástica medieval. Da tradição, ficou registado pelo punho de uma religiosa escritã do século XVII a chegada do corpo da Rainha à igreja do Mosteiro:

“Chegou a mulla athe este nosso convento de Arouca e achando a porta da igreja aberta que a tais horas não estar fechada foi maravilha entrou pella igreja dentro e pondo-se diante do Altar de São Pedro que esta na capella a parte da epistola da capella mor se postrou em terra dobrando as mãos e os pes e assim esteve esperando que lhe tirassem a sagrada carga”.

Esta cena está representada, em pintura, num dos espaldares do cadeiral do coro monástico. Mafalda, rainha e na qualidade de refundadora da velha instituição monástica, assume, logo após a sua morte, o epíteto de santa. Em final do século XIII, o bispo do Porto, D. Vicente Mendes, refere-se a Mafalda como Santa. É possível que a fama de santidade que aurelava Mafalda, tanto no interior da instituição monástica como pela população laica, justifiquem algum relaxamento das religiosas na condução do processo de beatificação. A última fase inicia-se no ano de 1617 e só no ano 1792 Mafalda seria eleita Beata.

O século XVI foi, na Europa, teatro de plurais crises religiosas. No universo católico, através do Concílio Tridentino, reafirmaram-se dogmas, enfatizou-se a manifestação do divino. Refira-se, concretamente, a manifestação do sobrenatural pelo milagre e o poder interventivo dos santos. Ambas as situações concorrem para a proliferação do paranormal, experimentado por muitos fiéis – religiosos e leigos – e para o aumento dos processos de reconhecimento a veracidade de tais fenómenos pela Santa Sé. Ficou a dever-se ao Papa Sisto V a criação da Congregação dos Ritos (1587) congregação que minuciosamente analisava os relatos das experiências paranormais. A comunidade religiosa arouquense experimentou, por diversas vezes, a vivência do inexplicável: incêndios nas dependências monásticas; falta de alimentos na tulha; doenças raras. Sobre todas essas situações atuou o protecionismo de Mafalda. Na coleção do Museu de Arte Sacra da Real Irmandade da Rainha Mafalda guardam-se várias peças que ilustram esta demanda, desde ex-votos a algumas pinturas, das quais, destacamos, as duas telas do pintor romano Giovanni Odazzi (1663-1731). Nas duas telas Mafalda é representada como religiosa cisterciense e protetora do Mosteiro. As telas foram executadas pouco depois do ano de 1725. Representações semelhantes encontram-se na igreja de Santo António dos Portugueses, na cidade de Roma. Seguindo o mesmo modelo, na Casa Museu Egas Moniz encontra-se uma tela, na qual a rainha Mafalda é representada como religiosa cisterciense. Como símbolo da abdicação do poder temporal a coroa e o cetro estão representados aos pés das imagens que compõem a tela.

A Peça de Escultura

A peça escultórica é a mais antiga representação da Rainha Mafalda, remontando ao século XIII (ou início de XIV). Foi executada para jacente do túmulo, onde foi depositado o corpo da rainha Mafalda, na antiga capela de S. Pedro. A escultura, em madeira, é composta por duas partes distintas: o corpo e a cabeça. As duas partes interligadas por encaixe no pescoço, podem induzir a análise para diferentes cronologias de execução. A serenidade expressa no rosto de olhos cerrados testemunha um naturalismo idealizado que pode ser fruto da erudição tardo-medieval. Como imagem singular que é no campo da escultura medieval portuguesa justifica um estudo alicerçado nos mais avançados métodos tecnológicos. Na policromia usada em ambas as partes da imagem subsiste a resposta a indagações.

Esta imagem apresenta todos os atributos iconográficos que caracterizam a representação medieval de uma rainha: coroa, coifa, gorgolim, capa, sobreveste e vestido.

Em linhas gerais, traça-se o percurso dessa imagem.

1. Jacente sobre túmulo da Rainha colocado na capela de S. Pedro – sécs. XIII-XVII;
2. 7 de Agosto de 1617, aparato tumular é deslocado da capela de S. Pedro para a nave da igreja;
3. 1645 – O aparato tumular é colocado num retábulo no corpo da igreja, executado para esse efeito;
4. 1704 – A reconstrução da igreja justifica a construção de novo retábulo junto das grades do coro para onde foi deslocada o túmulo e a jacente;
5. 1707 – 1708 – A imagem foi colocada de pé sobre a arca tumular. A imagem deixa de ser jacente. Arranjo no rosto da imagem: os olhos cerrados são abertos.
6. 20 de Outubro de 1718 – o aparato tumular é trasladado para a capela da Rainha, na nova igreja. A imagem mante-se de pé.
7. 1793 – O retábulo foi alvo de nova intervenção para colocar a urna-relicário que ainda se encontra no altar. A justificação foi a eleição da rainha a beata. Este arranjo mantém-se até à atualidade. A escultura foi retirada da veneração dos fiéis e guardada pelas religiosas de Arouca.
8. A peça escultórica está, atualmente, exposta no Museu de Arte Sacra da Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda, no Mosteiro de Arouca.

Manuel Joaquim Moreira da Rocha (Diretor do Museu de Arte Sacra da Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda. Professor da Universidade do Porto.)

BIBLIOGRAFIA: ROCHA, Manuel Moreira da – A Memória de um Mosteiro, Santa Maria de Arouca (Séculos XVII-XX). Das Construções e das Reconstruções. Biblioteca das Ciências Sociais, n. 33. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

Bibliografia

AZEVEDO, Carlos A. Moreira - Beatificação de Mafalda de Arouca segundo o processo romano da Biblioteca Nacional de Paris. *In Poligrafia*. [Porto], ISSN 0872-4490. N.º 6 (1997), p. 109-126

BOAVENTURA, Fortunato de S., Frei - Memórias para a vida da beata Mafalda, rainha de Castela e reformadora do mosteiro de Arouca. Porto: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda, 1986.173 p.

BORGES, Nelson Correia - Lorvão e Arouca: relações artísticas de mosteiros irmãos. *In I Congresso sobre a Diocese do Porto: tempos e lugares de memória*. Actas, Vol. I, 2002. p. 437-444

CARVALHO, Francisco Correia - O Mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588: a silhueta de uma entidade projetada no chão de uma história milenária. Santiago de Compostela: Tese de doutoramento. Faculdade de Xeografia e História. Universidade de Santiago de Compostela. ISBN 978-8498-8703-8. Apêndice IV: Fotografias – Estampa XXXII, p. 971

COELHO, Maria Helena da Cruz - Arouca: uma terra, um mosteiro, uma santa. 2.ª ed. Arouca: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda: Museu de Arte Sacra de Arouca, 2005. 125 p. ISBN 972-98111-4-8

COSTA, Joaquim - Beata Mafalda no Vale do Sousa românico: património, obras pias e memória. *In Oppidum*. Lousada: Câmara Municipal. ISSN 1646-513-X. Nº5 (2011), p. 135-147

Diário da República Eletrónico. Página consultada em 20 de abril de 2015, <<https://dre.pt>>

Istituto Portoghese di Sant'Antonio in Roma. Página consultada em 22 de abril 2015, <<http://www.ipsar.org/popup/santi/3sante.htm>>

Libray British. Página consultada em 6 de abril 2015, <http://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=add_ms_12531_f008r>

Livro de Atas da Câmara Municipal de Arouca, de 1946 a 1947, fls 79f.

O mosteiro de S. Pedro e S. Paulo de Arouca: história e arte. [Arouca]; [Lisboa]: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda: Edições Inapa, D. I. 2003. 143 p. ISBN 972-797-070-2

PEREIRA, Vergílio - Cancioneiro de Arouca. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, 1990. 904, [3] p.

PINTO, Paulo Mendes - Santos e beatos de Portugal: rostos de santidade. Lisboa: CTT Correios de Portugal, D.I. 2014. 186, [2] p. ISBN 978-92-8968-62-5

ROCHA, Manuel Moreira da - A memória de um mosteiro, Santa Maria de Arouca : (séculos XVII-XX): das construções e das reconstruções. Porto: Afrontamento, 2011. 472 p. ISBN 987-972-36-1134



Pintura com ex-voto ou presente dado pelo fiel a Rainha Santa Mafalda, sua santa de devoção, em agradecimento de uma promessa. Museu de Arte Sacra do Mosteiro de Arouca. Óleo sobre madeira, séc. XVIII ou séc. XIX?.

Ficha Técnica

Nome: Mafalda Sanches: Princesa, Rainha e Santa de Arouca | **Local:** Arouca, Biblioteca Municipal
Data: 2 a 15 de maio de 2015 | **Consultoria Cientif.:** Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha – Diretor do Museu de Arte Sacra de Arouca | **Fotos:** Fotos gentilmente cedidas pela Biblioteca Municipal de Santo Tirso, Câmara Municipal de Arouca, Câmara Municipal de Penacova, Paróquia de Rio Tinto e Real Irmandade Rainha Santa Mafalda | **Grafismo:** Câmara Municipal de Arouca **Organização:** Biblioteca Municipal de Arouca | **Apoio:** Real Irmandade Rainha Santa Mafalda